

REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER EM *A CABELEIREIRA*, DE INÊS PEDROSA, E *CECÍLIA NA TERRA DE SANTA CRUZ*, DE ANA LIÉSE THURLER

REPRESENTATIONS OF VIOLENCE AGAINST WOMEN IN *A CABELEIREIA*, BY INÊS PEDROSA, AND *CECÍLIA NA TERRA DE SANTA CRUZ*, BY ANA LIÉSE THURLER

Paula Queiroz Dutra¹
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cintia Schwantes

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo problematizar a representação de violências contra a mulher na literatura contemporânea sob o viés dos estudos de gênero. Com base na análise do conto *A cabeleireira*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, e do conto *Cecília na terra de Santa Cruz*, da escritora brasileira Ana Liése Thurler, busca-se refletir sobre os estereótipos construídos por meio das personagens femininas e suas implicações para uma crítica à violência contra a mulher na literatura contemporânea.

Palavras-chave: representação, violência contra a mulher, Inês Pedrosa, Ana Liése Thurler.

ABSTRACT: This work aims to discuss the representation of violence against women in contemporary literature according to gender studies. Based on the analysis of the short story *A cabeleireira* (The hairdresser), by Portuguese writer Inês Pedrosa, and the short story *Cecília na terra de Santa Cruz* (Cecília in the land of Santa Cruz), by Brazilian writer Ana Liése Thurler, we aim to discuss the female stereotypes built throughout the narratives and their implications for a critique of violence against women in contemporary literature.

Keywords: representation, violence against women, Inês Pedrosa, Ana Liése Thurler.

1 INTRODUÇÃO

Em seu relatório mais recente sobre violência contra a mulher (2013), a Organização Mundial de Saúde denuncia as proporções epidêmicas do problema, destacando que esse tipo de violência deve ser considerado uma questão de saúde pública global. Violência de gênero, violência doméstica, violência contra a mulher: são muitos os termos usados para descrever e tentar compreender um problema que atinge 35% da população mundial.

Segundo a Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006), considera-se “violência doméstica ou familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. São cinco as formas de violência contra a mulher delimitadas pela Lei Maria da Penha: a violência física, a psicológica, a sexual, a patrimonial e a violência moral.

Nos dois contos que analisaremos a seguir, buscando refletir sobre os diferentes contextos (Portugal e Brasil) e épocas em que foram produzidos, as personagens femininas

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: qpaulad@gmail.com.

sofrem todos os tipos de violência descritas na definição citada. Com base nessas representações de violências, portanto, propomos uma reflexão sobre os estereótipos femininos construídos ou desconstruídos nesses contos, ambos de autoria feminina, e suas implicações para uma crítica que pretende questionar e defender a diminuição da violência contra a mulher.

2 A CABELEIREIRA

O espaço do salão de beleza, tipicamente considerado um espaço feminino, é explorado como cenário para o conto *A cabeleireira*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa (2007). O conto tem como protagonista uma mulher, cujo nome não sabemos, mas que será representada de forma simbólica por sua ocupação: a cabeleireira que dá título ao conto. A ideia desse espaço como um lugar propício aos relatos pessoais, onde as clientes compartilham seus dramas e histórias, é invertida no conto de Pedrosa no qual a cabeleireira é quem se apropria desse lugar de fala para narrar sua própria história.

Ao narrar sua história pessoal, a personagem discute temas relevantes da realidade das mulheres no mundo contemporâneo, como a ideia de que elas devem viver para agradar aos homens, ideia contestada por Pedrosa logo nas primeiras linhas do conto, quando a personagem relata que cortou os cabelos curtos contra o desejo do pai. O pai representa uma figura de autoridade, e os cabelos longos da mulher são símbolo da feminilidade nas sociedades patriarcais. Essa contestação, que irrita profundamente o pai, passa a ser o momento em que ela decide que quer ser cabeleireira assumindo, dessa forma, o papel de uma mulher que contestará as leis patriarcais na narrativa, demonstrando um sinal de resistência contra a opressão. No conto, é no ambiente onde exerce sua função de cabeleireira que a personagem consegue ter voz, diferente da situação de silenciamento que sempre existiu em sua família.

No ambiente familiar, a personagem relata como as mulheres são ensinadas sobre a importância da delicadeza e da subserviência, e sobre o dever de não contestar opiniões e ideias para fazer os outros felizes. O trecho “em minha casa toda a gente falava baixo. A minha mãe dizia que a delicadeza é a coisa mais importante da vida. *Se fizeres felizes os outros, serás feliz também*” (PEDROSA, 2007, p. 42) ressalta não apenas que o gênero, e as características a ele atribuídas, são socialmente construídos, mas também como essa

construção da figura feminina associada à fragilidade, à subordinação e ao silêncio cria um espaço que permite e consente a violência contra a mulher, principalmente no espaço doméstico, ao não lhe oferecer sequer a possibilidade de resistir, como vemos no trecho a seguir:

Por isso, quando o meu tio começou a dar-me beijinhos na boca às escondidas, eu deixei. Das primeiras vezes virei a cara, disse que não queria, mas ele chamou-me má, “menina má, pões triste o tio que gosta tanto de ti”, e então eu deixei, para não ser malcriada (PEDROSA, 2007, p. 42).

O esboço de uma resistência por parte da personagem é logo silenciado porque o discurso que prevalece ainda é o de que “as meninas não têm opinião” ou de que “menina não tem que gostar ou não” (PEDROSA, 2007, p. 42).

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, dos casos de assassinatos de mulheres no mundo, 38% foram cometidos por seus parceiros íntimos, o que destaca que é no espaço doméstico que as mulheres (e também as crianças) estão mais sujeitas a algum tipo de violência. Contribuem para dificultar as denúncias de violência não apenas o silêncio por parte das vítimas, mas a ideia de sacrifício como parte de sua função na sociedade, que tem sido associada às mulheres. As esposas foram condicionadas a acreditar que para manterem seus relacionamentos elas devem de alguma forma “sacrificar-se”, seja abrindo mão de seus desejos e projetos para cuidar dos filhos e da casa, seja tolerando violências que não deveriam ser toleradas. No conto de Pedrosa, a personagem “justifica” as violências que sofre ao longo dos anos, desde a infância quando é sexualmente abusada pelo tio, até a violência psicológica e física que mais tarde sofre do marido, com a educação que recebeu da família e os ensinamentos da mãe:

Por isso, quando o meu tio começou a fazer-me doer eu não me revoltei. Queixei-me um bocadinho, chorei sem fazer barulho. Devia ir nos meus oito anos, nessa altura (PEDROSA, 2007, p. 43).

Quando a personagem conhece o seu futuro marido no ambiente de trabalho, ele está gritando com outras pessoas e, diante de um erro que ela comete, passa a gritar com ela também. Quando interpelada por ele, ela então afirma nunca ter gritado com ninguém na vida e começa a chorar, algo que passa a descrever como hábito. Na relação dos dois há uma hierarquia estabelecida desde o primeiro encontro e ela parece projetar nele o desejo de

vocalizar suas emoções e sentimentos, algo diferente do que sempre vivenciou em seu ambiente familiar, onde o silêncio predominava. A condição subalterna e hierarquizada da mulher na relação fica marcada não apenas pela ausência de voz da personagem, mas pela própria visão que a mulher tem de si, julgando-se feia demais para um homem tão bonito, em uma condição sempre deficitária. Essa incapacidade de vocalizar os sentimentos enfatiza a condição subalterna e corrobora a afirmação de Spivak (2010) de que o subalterno não pode falar e, mesmo que fale, não pode ser ouvido.

O choro, descrito como hábito, é usado nos momentos de crise para provocar compaixão (e tentar diminuir as agressões, sejam elas físicas ou emocionais), mas também evidencia o estado psicológico da personagem, pois a depressão é uma das sequelas comuns em vítimas de violência doméstica, como podemos observar no trecho a seguir: “Às vezes parecia-me que podia morrer assim, afogada num mar de lágrimas invisíveis, num segredo sem exposição” (PEDROSA, 2007, p. 45). Depois do choro, quando o marido parece demonstrar arrependimento, com presentes e flores, podemos observar a representação do ciclo de violência (SCHWAB e MEIRELES, 2014, p. 26): inicialmente há a fase da tensão, depois a fase da agressão, seguida da fase de desculpas e, por fim, a fase da reconciliação. É esse ciclo que faz a mulher ser tolerante sem nem perceber, julgando que a agressão não se repetirá:

Dois dias depois foi-me buscar a casa dos meus pais. Disse que estava bêbado, pediu-me desculpa. Quase chorou. Foi nessa reconciliação que decidi ter uma criança. Não foi para o prender. Foi para não ter medo de o perder. Para fazer nascer um amor absoluto, imune a traições (PEDROSA, 2007, p. 47).

Pondaag (2009, p. 7), ao analisar as falas de mulheres vítimas de violência, observou a tendência entre as mulheres de não nomear os atos violentos impostos pelos parceiros como violência. Segundo a autora, “esses atos eram naturalizados, tomados como parte do jeito de ser dos homens, como algo comum ao casamento e como destino feminino”. Atitude semelhante também pode ser observada no conto de Inês Pedrosa, quando a personagem reflete sobre seu comportamento em relação ao marido:

Acreditamos naquilo de que precisamos, não é? E acreditamos vinte, trinta, quarenta vezes, contra todas as evidências. Vemos o mal como uma nuvem temporariamente pousada sobre a testa do outro, não como uma parte da alma dele (PEDROSA, 2007, p. 46).

A maternidade é representada por Inês Pedrosa como poder feminino, uma “cumplicidade biológica das mulheres com as gerações futuras” (2007, p. 48). A irritação do marido diante da gravidez da personagem é um dos momentos do texto em que fica evidente a violência psicológica a que ela está submetida e que, quase sempre, é apenas o primeiro passo para a violência física, como também ocorre no conto: “Chamou-me presunçosa: ‘Julgas-te tão importante que tens que ser eternizada? És tão parva que te arrogas o direito de deixar descendência?’” (2007, p. 48) Diante da ira do marido por conta da gravidez, a passividade atribuída à figura feminina é descrita como encanto, como a principal função da personagem em seu casamento: passivamente, acalmar o marido. Com o passar dos meses, contudo, a gravidez torna-se cada vez mais visível e mais presente. O desejo de ser mãe, independente da opinião do marido, é uma expressão de contestação que afeta diretamente a honra masculina, afinal sua vontade não estava sendo respeitada pela esposa. Com isso, a frustração culmina em agressão física:

Atirou-me no chão e desatou aos pontapés nessa barriga que o afrontava. Tentei proteger o meu filho mas não fui capaz. Desmaiei. É só isso que até hoje não me perdo: não ter sido capaz de me fechar em concha sobre o meu bebê, não ter sido capaz de evitar sua morte Deixei-o ir (PEDROSA, 2007, p. 49).

A personagem, vítima da violência do marido, se culpa pelo ocorrido, algo comum entre as vítimas. Ao refletir sobre sua vida, rememora que sempre agiu como foi ensinada: passivamente, fazendo o que lhe mandavam, colocando-se em situação de subalternidade em qualquer relação, deixando seus desejos e sentimentos em segundo lugar. Lenore Walker (2009, 1979), que observou o comportamento de centenas de mulheres vítimas de violência doméstica nos Estados Unidos nos anos 1980, identificou alguns padrões de sinais e sintomas comuns às mulheres que foram abusadas física, sexual e/ou psicologicamente por seus parceiros. Walker cunhou o termo *Battered Woman Syndrome*² para descrever o quadro de desamparo e paralisia observado nas vítimas que, por estarem deprimidas e bastante abaladas pela tensão e violência constantes que vivenciam, passam a crer que são incapazes de sair dessa situação, acreditando que suas reações não terão o resultado esperado, como vemos ocorrer com a personagem no conto, que reflete sobre sua incapacidade de reagir. A crença na incapacidade de reação, também chamada de desamparo aprendido (*learned helplessness*)

² Há uma inconsistência na tradução em português para o termo: Síndrome da Mulher Espancada, Síndrome da Mulher Agredida, Síndrome da Esposa Espancada (Portugal) ou até Síndrome de Walker, em homenagem à pesquisadora. Adotarei a opção Síndrome da Mulher Espancada.

sugere que as mulheres desistem de acreditar que podem escapar do agressor como uma forma de desenvolver estratégias psicológicas sofisticadas para lidar com e suportar o ambiente brutal de agressões físicas e psicológicas a que estão submetidas. Segundo Walker (2009, p. 31) do ponto de vista psicológico, elas estão reagindo e com bastante sucesso, ao minimizar todos os tipos de agressões sofridas para manterem-se vivas nesse ambiente hostil.

Ao acordar no hospital, depois de ter perdido a filha, a protagonista do conto sofre ameaças do marido para que não conte a ninguém o que aconteceu de verdade: “Tu caíste da escada, se dizes outra coisa mato-te, estragas-me a carreira mas eu lixo-te a vida”. É a violência psicológica na forma de ameaças, que impede a denúncia de situações desse tipo, mesmo para os familiares mais próximos, como retrata a personagem: “Não podia dizer à minha mãe que era ele a escada por onde eu tinha caído” (PEDROSA, 2007, p. 51). Com essa cena, Inês Pedrosa descreve o isolamento da vítima e como ele favorece a violência, demonstrando a importância de uma rede estruturada de auxílio à mulher vítima de violência doméstica que, sem ajuda, não consegue sair do ciclo de violência ao qual está presa. A ideia de que os outros não acreditariam em sua denúncia é algo que também impede a personagem de denunciar o marido. Sendo bem sucedido, um dos mais brilhantes apresentadores de TV, acaba por ser difícil associá-lo a uma atitude tão violenta por conta do mito de que a violência física só existe nas camadas menos favorecidas da sociedade. Como nos lembra Heleieth Saffioti (1999, p. 87), “a violência de gênero, especialmente em suas modalidades doméstica e familiar, ignora fronteiras de classes sociais, de grau de industrialização, de renda *per capita*, de distintos tipos de cultura (ocidental *versus* oriental), etc.”

Nesse sentido, vale observar a importância da literatura e das artes em geral, pois enquanto espaço de circulação de ideias e de representações sociais, que podem tanto reforçar e reiterar certos posicionamentos e estereótipos, quanto pode também possibilitar a veiculação de novas perspectivas, que não desfavoreçam a construção de um imaginário mais positivo sobre as mulheres e seu posicionamento em situações de violência. É importante que a literatura contemple outras possibilidades de reação que não a aceitação passiva da violência por parte das mulheres.

A vitimização da figura materna é o que representa a violência patrimonial no conto, quando os bens da mãe da protagonista são usurpados pelo irmão no dia do funeral da mãe de ambos, ao assinar alguns papéis em um momento de fragilidade, abrindo mão de tudo que herdaria. Ao perceber o golpe, ela o aceita passivamente, quase que como um destino, sem

lutar pelos seus direitos. Em seu ambiente familiar, a personagem principal cresce cercada de um discurso e de exemplos que desfavorecem a construção de sua personalidade, autonomia e sua resistência diante de atos de violência. O sentimento de culpa pela violência sofrida na infância pela protagonista está presente e reforça a ideia de um discurso que culpa a vítima:

Era mais ou menos isto que eu pensava acerca do meu tio. Mais ou menos, porque também tinha a ideia de que devia ter alguma maldade em mim para acender aqueles instintos dele (PEDROSA, 2007, p. 53).

O mesmo discurso que culpa a vítima é o discurso sexista exercido pelo tio no ambiente familiar, reforçado muitas vezes pelas próprias mulheres, e que de alguma forma autoriza a violência contra a mulher na sociedade. Como observado por Machado (1998) em sua análise dos discursos dos apenados por estupro nas penitenciárias de Brasília, a forma como as mulheres são representadas pelo imaginário dominante é perigosa, uma vez que esse imaginário é também uma construção social, mas fruto de uma sociedade que valoriza a experiência masculina em detrimento da experiência feminina.

Quando a cabeleireira por fim descreve um pouco mais o seu trabalho é que o espaço onde toda a narrativa se passa é desconstruído. A personagem não está em um salão de beleza da cidade, mas em um salão improvisado dentro da prisão. A prisão feminina aparece, portanto, como o primeiro espaço de liberdade, onde a personagem se sente segura para realizar o trabalho que sempre desejou fazer, de cabeleireira, algo que jamais seria aceito por sua família fora da prisão. É também o espaço onde ela finalmente consegue verbalizar o que sente, onde encontra sua própria voz. Ao reafirmar que:

cortar é um dos meus maiores prazeres. Gosto do tic-tac da tesoura, da rapidez com que ela muda as coisas, suavemente, como se nada fosse. E do rigor do corte. Desde pequenina (PEDROSA, 2007, p. 55).

A narradora reafirma também a sua capacidade de contestação. A tesoura, de forma simbólica, é o elemento que permitiu uma mudança da situação, o que possibilitou o fim da violência a que estava submetida. Outros elementos, como o cão que a personagem compra depois de uma surra do marido, e que nomeia de acordo com o seu signo astrológico, Leão, também marca a intenção de resistir da personagem: “Eu sempre fui um Leão muito esquisito, orgulhoso mas sem rugido” (PEDROSA, 2007, p. 57). Até o dia em que a personagem, diante

de uma agressão do marido por um motivo banal como a consistência de um alimento, reage de forma inesperada e com bastante violência, atingindo o marido com a tesoura que “cintilava no meio da escuridão” (PEDROSA, 2007, p. 59), golpeando-o com vinte e nove facadas. Como mencionado por Walker (2009, p. 31), uma mulher com Síndrome da Mulher Espancada às vezes pode usar uma força muito maior do que o esperado para se proteger ou proteger seus filhos em um momento de agressão, o que quase sempre resulta em mais violência.

O número vinte e nove aqui, exatamente a idade da personagem, tem um significado para a astrologia, já mencionada no conto como área de interesse da cabeleireira. Na astrologia, o número vinte e nove é associado ao “retorno de Saturno”, o tempo necessário para que o planeta Saturno realize uma volta completa ao redor do Sol, significando o retorno ao dia do nascimento do indivíduo, ao início de uma nova fase na vida da pessoa. Para a cabeleireira representou o fim do casamento, com a morte do marido e sua consequente condenação à prisão, assim como uma nova vida que, apesar de ser em um espaço de confinamento, passou a ser sua primeira vivência de liberdade, em um espaço totalmente feminino.

No conto de Inês Pedrosa, a ideia de que o sofrimento é o destino das mulheres pode ser observada na frase “há várias maneiras de escolher o mesmo destino” (PEDROSA, 2007, p. 55), pois independente do caminho que tivesse escolhido, da profissão que tivesse optado por exercer, a personagem, *por ser mulher*, estaria sujeita a sofrer os mesmos tipos de violências em qualquer contexto. Judith Butler (2004, p. 28-29) aponta a violência como a expressão mais cruel da vulnerabilidade de um ser humano em relação a outro e destaca que esta vulnerabilidade se intensifica em certas condições sociais e políticas, principalmente quando a violência é um estilo de vida e as formas de se defender a segurança do próprio indivíduo são limitadas, como ocorre com as mulheres.

Para Schraiber *et al* (2002), “o uso da violência como revide é a atitude de uma mulher com poucos recursos de defesa, isolada de sua rede social e de instituições para lidar com o problema”. Nesse sentido, o conto denuncia uma realidade que ainda oprime e silencia as mulheres, na qual ainda não há perspectivas mais positivas para libertá-las das violências que sofrem, o que pode resultar em mais violência.

3 CECÍLIA NA TERRA DE SANTA CRUZ

O conto *Cecília na terra de Santa Cruz*, da socióloga e escritora gaúcha Ana Liêse Thurler, é ambientado em Santa Maria, no Sul do Brasil, e narra a história de Cecília, uma mulher que vivia confinada ao ambiente doméstico, constantemente requisitada pelo marido, pelos filhos, para as tarefas domésticas. Uma realidade comum a muitas mulheres:

A vida inteira de Cecília-mulher-oprimida é feita de imperceptíveis esfalfamentos. Aquela ordem exposta em ínfimos e constantes apelos, para que você caia no próprio esquecimento. Ela estava permanentemente requisitada. O pó em todos os cantos da casa. O bolo esfarelado sobre a toalha estampada. A menina esgadelhada. O menino espadongado. O vestido esgarçado. As crianças sempre esfomeadas...uma esganação! Espinafres, espigas de milho, ovos estrelados. Tanto, tanto esforço! Um esfregar sem fim: pernas de criança, vidraças de janela, chão de cozinha (THURLER, 1984, p. 26).

No trecho acima, a narradora chama a atenção para a opressão diária que as mulheres enfrentam, principalmente no ambiente doméstico, quando têm de se esquecer de si próprias e colocar em segundo plano seus desejos e vontades em nome da família. Cecília vivia um impasse, como se esperasse a sua própria salvação. Ao mesmo tempo, sua alegria era cuidar das plantas, dispor estacas para sustentá-las em seu crescimento, oferecendo-lhes apoio. Um apoio que falta às mulheres, como observa a narradora: “Mas ela própria, onde encontraria um esteio?” (THURLER, 1984, p. 26)

O trabalho doméstico exaustivo que as mulheres realizam sem nenhuma remuneração e quase nenhum reconhecimento é salientado no texto, assim como a capacidade reprodutiva da mulher. Ao refletir sobre a dimensão pública dos corpos, que são ao mesmo tempo uma demonstração de mortalidade e vulnerabilidade, instrumento e objeto de violência, Judith Butler (2004, p. 26) reflete sobre a constituição dos corpos no ambiente familiar, domesticados também por essas relações. Relações que deixam marcas e se reproduzirão nas relações futuras, perpetuando assim os condicionamentos que favorecem a violência. Thurler destaca as marcas que essas vivências, fruto de uma sociedade patriarcal, deixam no corpo da mulher, como vemos no trecho a seguir:

A mulher mão-de-obra doméstica gratuita. Reprodutora. O corpo carregando todas as marcas. Os cinco filhos. As estrias pelo abdômen, pelos seios. As varizes pelas pernas. As mãos cheias de asperezas. A alma carregando todas as marcas. Tantas sombras... O inverno contaminou todas as estações (1984, p. 26).

A vida de Cecília era, portanto, “mergulhada em neblina”, pois não havia a possibilidade de enxergar outro horizonte, outra vida que não aquela voltada para as tarefas domésticas, para os filhos, para o marido. O confinamento das mulheres no espaço privado pode ser observado no trecho “Ir até a esquina era empreender uma viagem. O lar como mundo” (THURLER, 1984, p. 26). O isolamento da vítima é um dos empecilhos para que ela consiga se libertar do ciclo de violência, daí a importância da rede de solidariedade para as mulheres que sofrem algum tipo de agressão, pois, como aponta Thurler (1984, p. 27), “o encolhimento da mulher é o preço da estabilidade dessa ordem, que se quer intocável”.

A figura materna no conto de Thurler é simbólica, pois representa a influência das relações familiares no comportamento das mulheres. Linda Gordon (*apud* Saffioti 1999, p. 86) destaca que a violência doméstica não é apenas a atitude violenta de uma única pessoa, mas também o resultado de um conjunto de ações de outros indivíduos no núcleo familiar, apesar de as ações não ocorrerem na mesma proporção e intensidade. O gênero, como destaca Saffioti (1999, p. 86) “é também estruturante da sociedade, do mesmo modo que a classe e a raça/etnia”. É por meio das relações familiares e de outras instituições como a escola, por exemplo, que essas estruturas são perpetuadas. No conto de Thurler, é Luíza, mãe de Cecília, quem também é responsável por passar esses estereótipos adiante, como vemos no trecho a seguir:

Com a mesma convicção com que Luíza se curvava aos padrões que a esmagavam, passava-os adiante. E na escola da obediência, quem estralaria?
- *Vida de mulher é assim mesmo, não tem nada que reclamar!*
- *Filha minha casa de véu, grinalda, vestido branco e pura! Nada dessa pouca vergonha que anda por aí, tanta mulher que não se dá valor!*
- *Homem é diferente: homem é homem!* (THURLER, 1984, p. 28)

O trecho acima não apenas destaca a relevância de outros elementos para a reiteração de estereótipos, que impedem o desenvolvimento da autonomia das mulheres e dificultam a quebra do ciclo de violência, como ressalta o perigo de compreendermos certos comportamentos violentos como algo “natural” ao homem e, por isso, aceito. Aportando-se aos estudos de Yves Michaud (1989), vale destacar a importância de não reduzir atos ou estados de violência às dimensões do biológico, uma vez que a cultura é o que diferencia o ser humano dos animais. Reduzir a violência ao biológico é correr o risco de reduzirmos os atos de violência a uma causa que se fundamenta meramente no instinto, é desconsiderarmos todos

os outros elementos sociais que estão em jogo e que corroboram para o desencadeamento da violência em determinado contexto.

No contexto doméstico, os elos e os valores familiares, como a ideia de que a mulher é a responsável por manter a família unida, mesmo que para isso seja necessário sacrificar-se, são repassados de geração para geração, como observado por Thurler no trecho a seguir: “A corrente que não se pôde romper enregela a alma. Gerações de mulheres submeteram-se a padrões impostos, sem conseguir quebrar essa cadeia” (1984, p. 27). “Quebrar a cadeia” aqui significa romper não apenas com os ciclos de violência, dos quais é muito difícil se libertar sem algum tipo de apoio externo, mas romper com os condicionamentos impostos pelas relações familiares que compõem a estrutura social e contribuem para o silenciamento das mulheres, assim como para o comportamento ambíguo que se observa nas vítimas nos momentos de denúncia dos agressores. Se para Judith Butler (2004, p.27), “a violência é sempre uma exploração desses laços primários que nos conectam aos outros”³, quando falamos em violência doméstica e consideramos o papel da organização familiar no comportamento das vítimas e dos agressores, essa afirmação, portanto, passa a fazer ainda mais sentido.

O conto de Thurler é ambientado em Santa Maria, cidade coração do estado do Rio Grande do Sul e importante entroncamento ferroviário do país nos anos 1950. A grande força política do sindicato dos ferroviários, do qual fazia parte o marido de Cecília, foi abalada com a ditadura militar, que procurou desarticular os movimentos de base e enfraquecer os ferroviários por sua capacidade de organização: “As mulheres suspiram desanimadas. Muitos homens sufocam a indignação na garganta. Outros, entre os dentes. Tudo se esvaziou: a vida e os bolsos. Silêncio e falta de horizonte” (THURLER, 1984, p. 30). O desemprego e a frustração dos homens da região tornam-se visíveis, ganham intensidade e começam a repercutir na vida das famílias. Como afirma Saffioti (1999, p. 87):

as mulheres são socializadas para conviver com a impotência; os homens – sempre vinculados à força – são preparados para o exercício do poder. Convivem mal com a impotência. Acredita-se ser no momento da vivência da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações deste tipo.

³ “For violence is, always, an exploitation of that primary tie, that primary way in which we are, as bodies, outside of ourselves and for one another” (2004, p. 27).

O contexto então é mais do que propício ao aumento da violência doméstica, que tende a ocorrer com mais frequência em situações de maior estresse, como um período de desemprego, quando há grande frustração e ansiedade. O consumo de álcool e outras drogas também favorece o desencadeamento da violência. O marido, José, passou a frequentar os bares da cidade e a voltar para casa em momentos diferentes, sempre descontando sua frustração na esposa, como descrito por Thurler no trecho a seguir (1984, p. 30): “Ao menos em seus domínios, José precisava se sentir forte. Era lá que destilava sua ira, distribuía murros, cobrava de Cecília tudo que a vida lhe sonegou”.

Enquanto José perde seu lugar social, os efeitos desse cenário social e político turbulento recaem sobre Cecília sob a forma de violência: “Cecília esperava o espancamento. O inferno cabia, sim, entre quatro paredes. A humilhação fazia Cecília ainda mais silenciosa” (THURLER, 1984, p. 30). O trecho anterior deixa claro o impacto dos acontecimentos do mundo público sobre o privado: as mulheres não têm poder para determinar os rumos da realidade, mas são as que mais sofrem as consequências.

Assim como acontece no conto de Inês Pedrosa, no conto de Thurler a personagem Cecília, convivendo diariamente com o espancamento, em total estado de subjugamento, um dia reage com grande violência para garantir sua sobrevivência:

Até José chegar ao último ponto suportável de apropriação. A vida física é o limite. A mulher que se entregara sem reservas nem estardalhaços sabia que a sobrevivência é um dever. Por isto, inesperadamente, reagiu. Transtornada, disputou uma arma. Ganhou-a. E, com os olhos fechados, misturou ao apito do trem, seis estampidos que o bairro silencioso não entendeu (THURLER, 1984, p. 31).

Apesar de narrar um acontecimento trágico e também violento, que de forma alguma é a resposta ideal no enfrentamento da violência doméstica, o conto termina com um tom esperançoso diante da possibilidade de mulheres como a personagem Cecília reagirem e conseguirem se libertar da violência opressora que destrói a vida de tantas mulheres todos os dias. O que o conto de Thurler descreve, assim como vimos no conto de Pedrosa, é o ato desesperado de uma mulher sem recursos para se libertar, e que precisa garantir a sua sobrevivência. Heleieth Saffioti (1999, p. 85) chama a atenção para o fato de que raramente uma mulher consegue se desvincular de um homem violento se não recebe algum tipo de ajuda externa, se não encontra o apoio e a proteção de que necessita das pessoas mais próximas a ela, assim como das instituições governamentais responsáveis. Até que isso

ocorra, ela oscila entre a vontade de sair da relação e voltar a ela, talvez por conta da responsabilidade a ela sempre atribuída na manutenção da família, pois, apesar do contexto de violência, ainda trata-se de uma relação afetiva, com dependências recíprocas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois contos aqui brevemente analisados, apesar de ambientados em contextos (Brasil e Portugal) e épocas (1984 e 2007) diferentes, apresentam mais semelhanças que diferenças. As violências contra a mulher, narradas a partir da perspectiva feminina, tem tom de denúncia e, de forma sutil, evidenciam alguns elementos de resistência em ambos os contos. Os questionamentos desenvolvidos pelas personagens ao longo das narrativas discutem valores patriarcais e o poder dos estereótipos na manutenção da desigualdade. Eles atentam para as várias formas de opressão vivenciadas pelas mulheres, independente da classe social, raça, etnia, idade e localização geográfica. Eles denunciam o impacto dos acontecimentos do mundo no espaço privado, salientando a vulnerabilidade das mulheres no espaço doméstico. Apesar da grande violência sofrida pelas duas protagonistas, elas sobrevivem para contar a sua história, um traço importante da autoria feminina, mas carregam a culpa pela violência que também cometeram, ainda que tenha sido para assegurar a própria sobrevivência diante da falta de perspectivas melhores.

O conto de Inês Pedrosa descreve a punição do Estado pela agressão que a mulher, após anos de violências sofridas, comete para se libertar do marido violento, sem que o Estado nada tenha feito para punir ou mesmo impedir as agressões contínuas e maiores cometidas pelo marido, como o assassinato do filho, ainda na barriga da mãe, para citar apenas um exemplo. No conto de Ana Liêse Thurler, não sabemos o que aconteceu com Cecília depois dos tiros, mas o tom mais esperançoso do final aponta para uma possibilidade talvez mais otimista para a protagonista. Ainda assim, a liberdade só surgiu por meio da violência. Aportando-se às reflexões de Judith Butler (2004) sobre a precariedade da vida e como nossos modelos culturais são usados para se pensar o ser humano, definindo/estabelecendo limites sobre os tipos de perdas que podem ser consideradas perdas, sobre o que é considerado humano e por isso digno de luto, percebemos que as violências sofridas pelas mulheres ainda são invisibilizadas e minimizadas em nosso cotidiano. Para Judith Butler (2004, p.33): “a violência se renova diante da aparência inesgotável do seu objeto”⁴. Dessa forma, as vidas das

⁴ “Violence renews itself in the face of the apparent inexhaustibility of its object” (tradução minha).

mulheres não são consideradas vidas, não são humanizadas, parecem ter menos valor que as vidas dos homens. E se a condição das mulheres permanece invisível, seu sofrimento diante da violência permanece sem ser notado. Enquanto tais assimetrias de gênero ainda perpassarem todas as instâncias de nossa sociedade, será difícil vislumbrar uma realidade em que as mulheres estejam livres de agressões dos mais variados tipos.

Do ponto de vista da literatura, espaço onde circulam ideias e discursos, é importante que novas perspectivas sejam retratadas abordando a situação das violências vivenciadas pelas mulheres de forma a contestar algumas visões de mundo que favorecem as exclusões e reforçam estereótipos negativos. Concordamos com a afirmação de que:

A violência pode remover dos seres humanos as condições de integridade necessárias para explicitação de direitos humanos, podendo a literatura ocupar a posição de configuração de voz e resistência (GINZBURG, 2012, p.16).

Para isso, no entanto, é necessário que a literatura de fato dê voz a essas mulheres, sem minimizar ou desconsiderar o seu sofrimento, oferecendo-lhes uma oportunidade digna de resistir e sobreviver *sem violência*.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BUTLER, Judith. *Precarious life: the powers of mourning and violence*. London: Verso, 2004.
- BRASIL. *Lei n. 11.340*. (2006). Lei Maria da Penha. Brasília, DF: Presidência da República.
- DANTAS-BERGER, S.M.; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 2005. p.417-425.
- FONSECA, D.H., RIBEIRO, C.G., & Leal, N.S.B. (2012). Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, 24 (2), 307-314.
- GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Editora da USP, Fapesp, 2012.

REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER EM A CABELEIREIRA, DE INÊS PEDROSA, E CECÍLIA NA TERRA DE SANTA CRUZ, DE ANA LIÉSE THURLER

HOWES, Penny (Ed.) *Relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre violência contra a mulher*. WHO, 2013. Disponível em inglês em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85239/1/9789241564625_eng.pdf

MACHADO, Lia Zanotta. “Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade”. *Cadernos Pagu*, São Paulo: Unicamp, v.11, 1998, p. 231-273.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.

PEDROSA, Inês. “A cabeleireira”. In: Pedrosa, Inês. *Fica comigo esta noite*. São Paulo: Editora Planeta, 2007. p. 41-60.

Relatório Anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Portugal, 2013. Disponível em: http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2013.pdf

SAFFIOTTI, H. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, 16, 115-136.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. In: *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo: Fundação SEADE, v. 13, n. 4, oct./dec. 1999, p. 82-91. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n4/v13n4a08.pdf>

SCHRAIBER, L. B. et al. *Violência dói e não é direito: A violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos*. São Paulo: Unesp, 2005.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THURLER, Ana Liése. “Cecília na terra de Santa Cruz”. In: *Contos e Poemas*. Brasília: Prêmio SINPRO-DF, 1984.

WALKER, Lenore E. *The Battered Woman Syndrome*. New York: Springer Publishing, 2009.